

# Terra d'água – Uma aventura semiótica

Maurício Zouein\*

Existem vários homólogos para terra: terra dos imortais, dos Bem-aventurados, dos Santos, Santa, terra prometida. A essas idéias podemos relacionar a nossa percepção de mundo. Em *Lê symbolisme dans la mythologie grecque*<sup>1</sup>...

“Paul Diel esboçou toda uma psicogeografia dos símbolos, em que a superfície plana da terra representa o homem como ser consciente; o mundo subterrâneo, com seus demônios e seus monstros ou divindades malevolentes, figura o subconsciente; os cumes mais elevados, mais próximos do céu, são a imagem do supraconsciente. Toda a terra se torna, assim, símbolo do consciente e de sua situação de conflito, símbolo do desejo terrestre e de suas possibilidades de sublimação e de perversão. É a arena dos conflitos da consciência no ser humano”.

---

\*Membro da Comissão Nacional de Comunicação das Instituições Federais de Ensino Superior. Conselheiro da Associação Brasileira de Comunicação e Semiótica. Coordenador do Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia. Diretor do Núcleo de Rádio e TV Universitário e Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima.

<sup>1</sup>Dicionário dos símbolos, pg. 880.

Para os espanhóis, Roraima era o “El Dorado” sonhado, para os portugueses a terra dos descimentos, dos resgates, das drogas e sertões a serem explorados e colonizados. Alguns desses signos adquirem a competência de cernes espirituais, outros, a ilusão determinante da ganância humana, relacionando-se ao contexto ritual e mítico particular de cada cultura. Roraima também é terra de Macunaíma.

Hesíodo em sua teogonia distinguiu a terra pelo evento precedente das águas no arranjo do cosmo. Assim como a terra tem a capacidade de gerar formas vivas, às águas asseguram causas às coisas; as águas representam a fluidez da unicidade, a terra, o húmus da diferença. A vida e a morte, o explorador e o explorado, constroem sentidos no curso das águas no Rio Branco<sup>2</sup>. Poderemos, então, pensar na “travessia de uma margem à outra como um obstáculo que separa dois domínios, dois estados: o mundo fenomenal e o estado incondicionado, o mundo dos sentidos e o estado de não-vinculação”. Nas suas ligações com outros rios rumo ao oceano o retorno à unicidade, “o acesso ao nirvana o retorno à nascente divina, ao princípio”.

---

<sup>2</sup> Rio que corta Boa Vista a capital do Estado de Roraima.

Seja banhando a praia do Forte São Joaquim<sup>3</sup>, nas corredeiras do Bem Querer<sup>4</sup> ou a percorrer o labiríntico trajeto através da selva amazônica; seja escorrendo lentamente (ou lendamente) no Lago do Parima<sup>5</sup> ou na união lasciva com o Rio Negro, o Rio Branco é signo da vivência de índios e não índios no curso da vida. É testemunha de sentimentos, sensações e intenções, e vítima das variações e desvios nas aspirações humanas. Como bem disse Heráclito... “Aqueles que entram nos mesmos rios recebem a corrente de muitas águas, e as almas exalem-se das substâncias úmidas”. A. Patri<sup>6</sup> em Nota sobre a simbólica heraclitiana da água e do fogo observa que...

“... a palavra rios, no plural, não significa a pluralidade dos braços de um rio; existe um rio para cada homem que mergulhar em suas águas. No sentido simbólico do termo, penetrar (ou mergulhar) num rio significa, para a alma, entrar num corpo. O rio tomou o significado do corpo. A alma seca é aspirada pelo fogo; a alma úmida é sepultada no corpo. O corpo tem uma existência precária, escoa-se como a água, e cada alma possui seu corpo particular, a parte efêmera de sua existência – seu rio próprio”.

<sup>3</sup> Guarnição construída no século XVIII com o intuito de defender as terras da coroa contra a invasão holandesa e espanhola.

<sup>4</sup>Corredeiras localizadas ao sul do Estado de Roraima.

<sup>5</sup> Onde os espanhóis acreditavam que havia ouro e diamante em abundância.

<sup>6</sup> Dicionário de Símbolos, pg. 781.

Como as águas de uma nascente, que aos poucos vão se estendendo por sobre a terra, e se transformam em igarapés, rios, corredeiras e cachoeiras. Assim aconteceu com a povoação de Roraima. Desbravadores, militares, exploradores, colonizadores, missionários, fazendeiros e garimpeiros propagando-se por sobre as terras paravilhana, riobranquense, macuxi e por fim roraimense. E na correnteza cultural do “protetorado” ocidental, navegam, ora a favor ora contra, a canoa indígena e o índio.

A canoa<sup>7</sup> pode simbolizar uma viagem, uma travessia dos vivos ou dos mortos. A vida, usando o simbolismo grego, é uma navegação arriscada. Logo, o juízo de canoa é um símbolo de garantia, de segurança, amparando o navegador no seu trajeto existencial entre os contextos, entre as margens do conhecido e desconhecido.

É no leito do rio dos níveis da percepção da Kudiiyada (K), canoa Dh’ecwana<sup>8</sup> (DW), que repousa nossa proposta de investigação do percipuum no papel histórico do conhecimento DW, desde suas raízes ancestrais na sensação até a materialização mais complexa do juízo, em fim, uma trama de afinidades perceptivas dos DW como construtores e exploradores indígenas, ainda vivos, em Roraima. Lúcia Santaella<sup>9</sup> nos mostra que:

A percepção é determinada pelo percepto, mas o percepto só pode ser conhecido através da mediação do signo, que é o julgamento da percepção. Para que

<sup>7</sup>A partir de agora escolhemos chamar Kudiiyada a canoa indígena e canoa o signo não indígena até mesmo para o mesmo objeto dinâmico.

<sup>8</sup> Comunidade indígena localizada a noroeste de Roraima.

<sup>9</sup> SANTAELLA (98, pg.64 – 65)

esse conhecimento se dê, o percepto deve, de algum modo, estar representado no signo. Aquilo que representa o percepto, dentro do julgamento perceptivo, é o *Percipuum*, meio mental de ligação entre o que está fora e o juízo perceptivo, que já é fruto de uma elaboração mental.

Os Julgamentos de percepção são inferências lógicas, elementos generalizantes que pertencem à terceiridade e que fazem com que o *percipuum* se acomode a esquemas mentais e interpretativos mais ou menos habituais.

Os signos são reunidos em mensagens e regulados nas possibilidades dos rituais míticos, por conta de acontecimentos distintos que envolvem o DW e a *Yaii'ja*<sup>10</sup> (YJ). O ritual de escolha começa com a sensação: Esta é a fase do conhecimento em que o DW “alcança a percepção inicial das características ou aspectos do seu meio ambiente circundante sob o estímulo direto dessas características sobre os seus receptores sensoriais<sup>11</sup>” ajustando o conteúdo mítico aos sons dos passos sobre as folhas e galhos espalhados pelo chão misturando-se com o canto dos pássaros e o gemido das árvores acariciadas por ventos inconstantes. O calor é quase sufocante. Os insetos o perseguem. Ao longe escuta o som do rio que orienta suas esperanças. Para, apoiado numa enorme árvore, olha para cima e vê os raios do sol teimando em disputar um espaço por entre a copa das árvores. Tanta insistência em fecundar a terra

<sup>10</sup> Pau Louro.

<sup>11</sup> DEELY (95, pg.121)

vinga quando pequenos filetes de luz ultrapassam a barreira verde e se espalham por sobre o chão.

O DW recebe estímulos que o ambiente “seletivamente reconstituído e organizado, de acordo com as necessidades e interesses específicos do organismo individual<sup>12</sup>”, ou seja, o *Umwelt*, propicia. Transforma-os em impressões pela resposta, cognitiva, dos órgãos dos sentidos à medida que atingem um estado de alerta - passando além da alteração física, pela qual orienta-se mediatamente - em relação à mata. Seguindo o pensamento de Floyd Merrell<sup>13</sup> o DW tem consciência da existência da YJ só depois da emergência do qualissigno; é quando o DW pode distinguir, ele mesmo, o signo de possibilidade do objeto YJ. Isto é a inter-relação da Secundidade, e agora o DW está pronto para a emergência da Terceiridade. Segundo Merrell:

“... é importante ter em conta o fato de que a ação da qualia é desde o começo uma questão de Primeiridade. Há uma imagem, que, no momento que está registrado na consciência do sujeito, é algo que de alguma forma ou outra não corresponde precisamente com as expectativas. Logo depois a imagem interage com a mente a respeito de imagens que tem experimentado no passado, e com essas expectativas para criar uma interpretação”.

Através da impressão surge o qualissigno, onde a inter-relação é monádica. Sendo assim o DW atualiza (Interprete) o signo YJ

<sup>12</sup> DEELY (90, pg.80)

<sup>13</sup> Correspondência entre Flyod Merrell e Maurício Zouein: Sun, 19 Oct 2003 11:47: 28 - 0500.

(Objeto - arvore) em linguagem ritualística. Encontrando a YJ pela observação empírica possibilitou a existência da K, e parafra-seando Floyd Merrell: Se a K tem lugar dentro das convenções sociais, nos costumes e nas práticas da comunidade DW, o mais provável é que a K seja inter-relacionada com YJ por meio da dedutividade, que é principalmente uma questão da simbolicidade mediadora.

Os sons dos machados confundem-se com o falatório dos DW até que a arvore escolhida deita por sobre a mata, os facões cortam os galhos do percepto YJ, que extrai sua essência da terra, existe, respira, produz. Tem sua vida concentrada, mantém o tempo em seus filamentos, é um objeto quimérico, no sentido de ideal, onde a substância nele contida é algo que se quer abduzir ao tempo. YJ tem seu perfume, adoece e morre. Por fim, esse percepto é um ser. Tal é a representação da arvore que existe para cada um dos DW ou dos não DW trazendo a recordação de contínuas descendências, a'täi<sup>14</sup>, ako<sup>15</sup>, tadaude<sup>16</sup> waja<sup>17</sup>, tönköi<sup>18</sup> e maa.<sup>19</sup>

Nesse momento nos vem a mente o seguinte questionamento: O signo YJ, assim como as substâncias, couro, barro, igarapé, conservam-se como signos ancestrais?

No momento da escolha o objetivo é conter as necessidades da comunidade não dando prioridade ao crescimento econômico. A percepção DW da realidade mantém uma relação equilibrada com o meio ambiente e utiliza o conhecimento e a tradição como forma de auto-sustentação e independência

<sup>14</sup> Banco

<sup>15</sup> Pilão

<sup>16</sup> Ralador

<sup>17</sup> Balaio

<sup>18</sup> Tipiti

<sup>19</sup> Casa

de recursos técnicos e humanos com atividades mais participativas.

Cada sentido é em si mesmo e por natureza, desenvolvido para revelar diretamente (diadicamente) determinada propriedade do meio imediato (a cor pelo paladar, o gosto pelo olfato etc.) bem como características circunstanciais (tamanho, peso, forma etc.) são percebidas concomitantemente com e por meio de qualidades singulares e próprias do meio imediato. Segundo Deely<sup>20</sup>:

“Assim, as características de interação que o meio tornou conhecidas unicamente através de um canal sensorial específico trazem à percepção, juntamente com elas, outras características que não são obtidas unicamente por um só canal qualquer, mas se sobrepõem a vários canais e são obtidas por vários canais em comum – em simultâneo com as características singulares, mas delas dependentes. Temos aqui já, portanto, o tipo de relação constitutiva da significação, no preciso instante do despertar cognitivo”.

Podemos pensar que as impressões sensoriais iniciais não são de caráter reducionista (esta arvore aqui e agora, este canto aqui e agora, etc.) mas semióticos; o que nos leva a crer que a composição primitiva das sensações desenvolvidas na cognição não é nem abusiva ou sem regras tão pouco controlada de forma pessoal, mas, como diria Deely<sup>21</sup>: *naturalmente determinada* por meios semióticos.

<sup>20</sup> DEELY (95, pg.124)

<sup>21</sup> (95, pg.125)

Sem pressa, durante trinta dias, YJ vai sendo trabalhada para que de lugar a K. Por ser um elemento da cultura material a K “pode ser descrita, fotografada e até mesmo fisicamente transportada para um museu. Contudo – e esta é uma verdade frequentemente negligenciada – a realidade etnográfica da canoa não poderia ser transmitida ao estudioso simplesmente colocando-se diante dele um exemplar perfeito da embarcação<sup>22</sup>”.

A K é feita para determinado uso e com um desígnio específico; compõe junto com DW o Umwelt, que por sua vez corresponde a um Innenwelt, ou segundo John Deely<sup>23</sup>:

...mapa cognitivo, desenvolvido dentro de cada indivíduo. O Innenwelt capacita o indivíduo a encontrar seu caminho no ambiente e a inserir-se em uma rede de comunicação, interesses, e meios de vida compartilháveis especialmente com os vários outros indivíduos de sua própria espécie.

Não é competência do semioticista fazer confundir a primeiridade peirceana com a percepção. No estudo das finalidades sócio-econômicas para as quais a K foi construída e das diferentes maneiras a que ela é utilizada, nos deparamos com os primeiros elementos para uma análise semiótica mais profunda, segundo Peirce: “A decidida predileção da nossa percepção por um modo de classificar o percepto mostra que a classificação está contida juízo” (CP 182).

Encontramos subsídios sócio-culturais intrínsecos, as particularidades dos DW na

forma que produzem e utilizam a K; os conhecimentos que dizem respeito às formulas ritualísticas e aos moldes de sua construção, um tipo de biografia da simbolicidade da K – fazendo com que nos aproximemos mais da percepção da K pelo lebenswelt<sup>24</sup> DW.

A K, existe a existência de seus navegantes, onde seu significado é maior do que uma mera substância palpável e moldada. Envolve num ambiente natural de aprendizagem e conquistas, construída de tradições e experiências pessoais, É um elemento de exploração, matéria viva que possui individualidade própria.

## BIBLIOGRAFIA

- CHEVALIER, Alain Gheebrant, Jean. *Dicionário de Símbolos*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1998. 996 p.
- DEELY, John. *Introdução à Semiótica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. 293 p.
- DEELY, John. *Semiótica Básica*, São Paulo, Ática, 1990. 192p.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril, 1978. Coleção os Pensadores. 424 p.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Escritos Coligidos*. São Paulo, Abril, 1983. Coleção os Pensadores. 276p.

<sup>24</sup> Para DEELY (1990, p.88): Temos nos concentrado na construção de *Umwelts* próprios à espécie que correspondam a *Innenwelts*, com o propósito de produzir o *genus* mais próximo, em contraste com o qual a diferença específica de um mundo humano – *Lebenswelt* – pudesse tornar-se visível.

<sup>22</sup>MALINOWSKI (78, pg.87)

<sup>23</sup> 1990, p.80

SANTAELLA, Lucia. *A Percepção*, São Paulo, Experimento, 1998. 120 p.